

## QUANDO A VIDA IMITA A ARTE: ZOMBIFICAÇÃO

WHEN LIFE IMITATES ART: ZOMBIFICATION

QUAND LA VIE IMITE L'ART: ZOMBIFICATION

CUANDO LA VIDA IMITA AL ARTE: LA ZOMBIFICACIÓN ÁGATA

**Ondina Pires**

Performer, escritora, tradutora e música independente, Lisboa, Portugal

**RESUMO:** O realizador norte-americano George A. Romero (1940-2017) foi premonitório na “zombificação” do ser humano no mundo ocidental ao mostrar nos seus filmes de “zombies” seres humanos errantes, descarnados, alienados e sedentos de carne – a grande metáfora da vida moderna, tecnológica, inorgânica, consumista e decadente. Se compararmos o que aconteceu no dia 6 de janeiro de 2021 dentro e fora do Capitólio, em Washington D.C., às imagens de alguns dos filmes de Romero, e se compararmos as atitudes prepotentes, a roçarem a idiotia completa, do ex-presidente norte-americano Donald Trump, com o filme “Idiocracy” do realizador Mike Judge, somos levados a acreditar que a Vida imita a Arte. Os filmes de Romero e o filme de Judge são anteriores aos fatos históricos recentes da eleição de Donald Trump e do ataque ao Capitólio o que nos faz pensar que o referencial cultural e espiritual de grande parte dos seres humanos do mundo ocidental está em declínio. O que se pretende neste pequeno texto é demonstrar como o poder da imagem fílmica conduz as grandes massas de pessoas a comportamentos “zombificados” como se de uma mimese inconsciente e coletiva se tratasse. E enquanto o mundo ocidental se desfragmenta com realidades como o Brexit, querelas ideológicas, birras de negacionistas em relação ao Covid19 e ausência de solidariedade social, outros povos se erguem para reclamar o seu quinhão do mundo, leia-se o governo chinês e o governo russo.

**Palavras-chave:** arte, imagem fílmica, zombificação.

**ABSTRACT:** The American director George A. Romero (1940-2017) was premonitory about the “zombification” of the human being in the western world, showing in his “zombie” genre films wandering, gaunt, alienated and flesh-thirsty human beings — the great metaphor of modern, technological, inorganic, consumerist and decadent life. If we compare what happened on January 6, 2021, outside and inside the Capitol, in Washington DC, to the images of some of Romero's films, and if we compare the arrogant attitudes, skimming the complete idiocy, of the former American president Donald Trump, with the film “Idiocracy” by director Mike Judge, we are led to believe that Life imitates Art. Romero's films and Judge's film predate the recent historical facts of Donald Trump's election and the attack on the Capitol, which makes us think that the cultural and spiritual framework of most human beings in the Western world is in decline. What is intended in this small text is to demonstrate how the power of the film image leads the great masses of people to “zombified” behaviours as if it was an unconscious and collective mimesis. And while the Western world is defragmenting with realities like the Brexit, ideological quarrels, tantrums of denialists in relation to Covid19 and lack of social solidarity, other peoples rise to claim their share of the world, perceive the Chinese and the Russian governments.

**Keywords:** art, film image, zombification.

**RÉSUMÉ:** Le cinéaste américain George A. Romero (1940-2017) a anticipé la “zombification” de l'être humain dans le monde occidental en montrant dans ses films de “zombies” des êtres humains errants, désincarnés, aliénés et avides de chair - la grande métaphore de la vie moderne, technologique, inorganique, consumériste et décadente. Si l'on compare ce qui s'est passé le 6 janvier 2021 à l'intérieur et à l'extérieur du Capitole de Washington D.C. aux images de certains films de Romero, et si l'on compare les attitudes dominatrices, à la limite de l'idiotie totale, de l'ancien président américain Donald Trump au film “Idiocracy” du réalisateur Mike Judge, on est amené à croire que la Vie imite l'Art. Les films de Romero et de Judge sont antérieurs aux faits historiques récents que sont l'élection de Donald Trump et l'attaque du Capitole, ce qui nous fait penser que le référentiel culturel et spirituel d'une grande partie des êtres humains du monde occidental est en déclin. L'objectif de ce court texte est de démontrer comment la puissance de l'image cinématographique conduit les grandes masses à des comportements “zombifiés”, comme s'il

s'agissait d'une mimésis inconsciente et collective. Et tandis que le monde occidental se fragmente avec des réalités comme le Brexit, les querelles idéologiques, les colères négationnistes concernant Covid19 et l'absence de solidarité sociale, d'autres peuples se lèvent pour réclamer leur part du monde, lisez le gouvernement chinois et le gouvernement russe.

**Mots-clés:** art, image filmique, zombification.

**RESUMEN:** El cineasta estadounidense George A. Romero (1940-2017) fue previsor en la "zombificación" del ser humano en el mundo occidental al mostrar en sus películas "zombis" a seres humanos errantes, incorpóreos, alienados y hambrientos de carne, la gran metáfora de la vida moderna, tecnológica, inorgánica, consumista y decadente. Si comparamos lo sucedido el 6 de enero de 2021 dentro y fuera del Capitolio en Washington D.C. con las imágenes de algunas películas de Romero, y si comparamos las actitudes prepotentes, rayanas en la completa idiotez, del ex presidente estadounidense Donald Trump con la película "Idiocracia" del director Mike Judge, nos lleva a pensar que la Vida imita al Arte. Las películas de Romero y la de Judge son anteriores a los recientes hechos históricos de la elección de Donald Trump y el atentado en el Capitolio, lo que nos hace pensar que el referente cultural y espiritual de gran parte de los seres humanos del mundo occidental está en decadencia. El objetivo de este breve texto es demostrar cómo el poder de la imagen filmica lleva a las grandes masas de personas a comportamientos "zombificados", como si se tratara de una mimesis inconsciente y colectiva. Y mientras el mundo occidental se fragmenta con realidades como el Brexit, las rencillas ideológicas, las pataletas negacionistas respecto a Covid19 y la ausencia de solidaridad social, otros pueblos se levantan para reclamar su parte del mundo, léase el gobierno chino y el ruso.

**Palabras-clave:** arte, imagen filmica, zombificación.

Luzes, câmara, ação! A multidão agitou-se convulsa, soltando gritos, grunhidos e blasfêmias. Em passo oscilante aproximaram-se do imponente edifício, no qual uma elite política e cultural governava o estado. Aquela cidade poderosa, com os seus condomínios fechados, com a sua gentrificação emergente e os meios tecnológicos mais sofisticados ficou de repente à mercê daqueles seres maltrapilhos, feios e ignorantes que tentavam escalar os muros, partir os portões, desativar os drones de segurança máxima e morder os soldados até os matar. Nem forças de segurança, nem forças do exército detinham a horda enfurecida exigindo o Impossível...



Figura 1: Imagem do filme “Terra dos Mortos” de G. Romero.  
Fonte: Domínio público.

Qualquer semelhança entre as imagens do filme de George Romero *Land of the Dead* [Terra dos Mortos], de 2005, e a insurreição civil que aconteceu no passado dia 6 de janeiro de 2021, em Washington DC, às portas do Capitólio e dentro dele, é pura imitação da Arte pela Vida. Oscar Wilde ficaria pasmo ao ver como o seu conceito estético (e ético), se tornou tão comum no século XXI.<sup>60</sup> Hélas! O que está a acontecer neste século vai ao encontro de filmes, livros, banda desenhada e ensaios académicos que ao longo de anos e anos se debruçaram nos temas do Futuro distópico. E o que temos visto nos ecrãs televisivos ou nos nossos PCs é de uma tal violência que nos faz pensar nas piores hecatombes que ainda estão por acontecer à humanidade, e a todo o ecossistema planetário, se não existir cooperação e solidariedade entre todos os países (o que não está a acontecer em muitos deles).

O ataque terrorista em Nova Iorque no tragicamente famoso 11 de setembro de 2001, a interminável guerra no Médio Oriente, a guerra da Síria, os genocídios em vários pontos do mundo, a desflorestação, a escassez de água potável na Turquia e em outros países, o emergir de ditadores prepotentes e populistas-totalitaristas, a Democracia em perigo num dos seus baluartes que é os Estados Unidos da América, a pandemia Covid 19, o desemprego, a disfuncionalidade familiar e social, cartéis de

---

<sup>60</sup> No ensaio de 1889, *The Decay of Lying*, Oscar Wilde apresentou o seu conceito através da frase que ficou célebre “A Vida imita muito mais a Arte do que a Arte imita a Vida.”

droga, assim como os direitos laborais em perigo de extinção mostram uma Era histórica de profundas convulsões.

Regressemos então aos fatos da realidade zombificada dos últimos tempos. Foi por demais evidente que o senador democrata Joe Biden venceu as eleições, de forma honesta e democrática, a 7 de novembro de 2020. O ex-presidente republicano Donald Trump comportou-se como um “mau perdedor”. A língua inglesa tem uma expressão idiomática muito curiosa para este tipo de pessoas – são “*sore*<sup>61</sup> *losers*”. Também sabemos que quase metade dos cidadãos dos EUA acredita piamente em Donald Trump, o qual, inclusive, com a maior “cara-de-pau” chegou a sugerir publicamente que beber um detergente à base de lixívia seria muito eficaz para vencer o vírus do Covid 19. Este conselho perigoso (está escrito na Constituição Americana que tudo o que um presidente disser é para se tomar à letra) e absolutamente idiota levou à morte de uns quantos cidadãos americanos pateticamente ingênuos, ou como diria o autor esloveno Slavoj Žižek “...o que são as melhores anedotas sobre Trump por comparação com a anedótica que é a política real de Trump” (Zizek, 2018: 39).

Quando me lembro desse conselho mortal e vil, e das suas consequências, imediatamente me remeto para o filme “*Idiocracy*”, de 2006, de Mike Judge. Esta distopia cinematográfica disfarçada de comédia de ficção científica foi premonitória ao mostrar comportamentos humanos destituídos do mínimo de bom senso. Quando vemos as várias cenas de “*Idiocracy*” estamos a ver a realidade que nos circunda diariamente: gente a falar aos gritos nos espaços públicos, abandalhamento na higiene e no visual — já se tornou banal ver pessoas na rua vestidas com pijamas e de chinelos, como se tivessem saído da cama para o espaço exterior e público — desvalorização da arte e da cultura, atitudes agressivas nas ruas, lojas e demais espaços fechados.

No passado dia 6 de janeiro ninguém estava à espera de presenciar através da TV uma mole gigantesca de americanos brancos, muitos deles uns desgraçados sem trabalho, sem referencial cultural nem opções de vida, apelidados depreciativamente de “*white trash*”, incitados à insurreição nacional por Donald Trump: “A violência era inevitável, mas imaginei-a nas ruas ou contra um político. Ninguém esperava um ataque ao Capitólio”, afirma Lawrence Douglas, antigo conselheiro de governos democratas e republicanos. As imagens fizeram-me lembrar o 11 de setembro ... (França & Lourenço, 2021: 6) ou,

Com camisolas azuis que ostentavam bandeiras azuis de Trump, uma multidão que acabaria por crescer para milhares de pessoas lançou-se contra as portas e as janelas do Capitólio, ultrapassando os agentes de polícia, impreparados para a investida. Os congressistas e senadores já

---

<sup>61</sup> “Sore”: chaga, úlcera, ferimento, mágoa.

tinham sido retirados no momento em que houve um impasse, com armas, à entrada da Câmara dos Representantes (Tan, Jamison & Cox, 2021: 8).

Ao ver aqueles seres zombificados a invadirem o Capitólio, uns trepando pelas paredes e muros, outros a partir janelas, correndo pelas escadas acima do interior do edifício governamental, símbolo máximo da Democracia americana, e mesmo mundial, alguns deles com indumentárias bizarras, os gritos, a “simpatia” de alguns policiais brancos para com aquela ferocidade digna dos hunos ou dos vândalos do passado distante, apenas me ocorreu o filme “Terra dos Mortos” do falecido realizador G. Romero. Foi uma sensação de *déjà vu* só que desta feita não estava a ver uma ficção. Eu e milhões de pessoas vimos a Arte ser transformada em realidade vista e vivida, da mesma forma que no 11 de setembro vimos a desgraça que se abateu sobre as torres gémeas.



Figura 2: Imagem de uma reportagem televisiva (6 de fevereiro de 2021).  
Fonte: Arquivo da autora.

Sempre considerei os filmes de Romero metáforas da realidade quotidiana. Nunca os coloquei na simplória prateleira cinematográfica de género de “Terror”. Os zombies de Romero são tão reais como as multidões humanas iradas ou alienadas. A minha leitura sobre a “zombificação” humana no cinema de Romero tem sido corroborada por vários autores académicos entre os quais Christopher Paul Wagenheim. Na sua tese de Mestrado o autor menciona o seguinte:

zombies erguem-se e oprimem a humanidade, as estruturas hegemónicas entram em colapso sob o peso da epidemia; um grupo diverso de personagens tenta sobreviver à epidemia em conjunto, na ausência de estruturas hegemónicas dominantes, estruturas hegemónicas dominantes que tentam reafirmar o controle. (Wagenheim, 2010: 68).

Ou seja, a realidade quotidiana transborda de “zombificação” a todos os níveis e em todos os planos vivenciais. A hegemonia ou controle do mundo foi exercido desde o final da Segunda Guerra Mundial até à queda do Muro de Berlim em 1989 por duas grandes potências, EUA e ex-URSS. Entretanto, a China foi-se impondo nos mercados mundiais através da indústria e do comércio. Desde 2012, a governação do

autointitulado “Presidente Supremo”, Xi Jinping, tem dado frutos consideráveis ao “grande dragão asiático” a nível económico, tecnológico e militar. Este governante pragmático e calculista, com o seu sorriso enigmático de Mona Lisa, segue a “grande marcha” iniciada por Mao Tsé-Tung, espalhando “cavalos de troia” em todos os cantos do mundo através de “transações” económicas e usando palavras como “harmonia” e “progresso”, comandado um exército e uma armada altamente equipada que se comporta como um conjunto infinito de formigas guerreiras disciplinadas, na sua esmagadora maioria chineses da etnia “han”<sup>62</sup>, tudo nas barbas dos políticos e dos povos. E nós, ocidentais, estamos “zombificados” e alienados, sobrevivendo em falsas torres de marfim alicerçadas no pensamento ocidental de cariz humanista. Uma falsa premissa perante o que se desenha no horizonte ameaçador.

Tudo o que aconteceu no Capitólio, Washington DC, tudo o que acontece de perigoso e violento em todos os países do mundo, mesmo nos mais democráticos, não passa de um *faits-divers* para entreter os espetadores que se limitam a ver notícias manipuladas, mastigadas e em *loop* dos seus canais televisivos mais prosaicos, a sorverem relatos de futebol e o Big Brother. Como dizia a profética Mafaldinha, do falecido cartoonista Quino, nos anos 1970, o perigo “amarelo” já se pressentia. Em 1991, o autor Fredric Jameson alertou para o perigo da desfragmentação mundial, algo que prefiro designar por “zombificação”, devido ao modelo cultural pós-moderno americano que contagiou grande parte do mundo, em particular a Europa,

Toda esta cultura pós-moderna global, embora americana, é a expressão interna e superestrutural de toda uma nova onda de dominação militar e económica americana por todo o mundo: neste sentido, como em toda a história das classes sociais, o lado obscuro desta cultura é sangue, tortura, morte e terror. (Jameson, 1991: 5).

Não é à toa que o atual presidente americano Joe Biden esteja a colocar estrategicamente navios militares em vários cantos do mundo, uma vez que a expansão militar chinesa atual alcançou algo inimaginável há quinze anos atrás. “A armada chinesa está num processo acelerado de desenvolvimento e expansão de sua capacidade, e isso está logicamente gerando preocupação nos Estados Unidos”, explica Lyle Goldstein, professor do Instituto de Estudos Marítimos da China do Colégio Naval dos Estados Unidos. (Lima, 2018).

---

<sup>62</sup> Quase todas as etnias chinesas, sobretudo as de expressão religiosa e cultural muçulmana, como os “uigures” estão hipervigiadas; estão a ser vítimas inocentes de perseguição, genocídio e campos de “correção”. Isto não aparece nos noticiários dos principais canais de TV. Portugal e Grécia, por terem sido desprezados pelas hierarquias económicas e políticas europeias no início da década de 2020, já tiveram que assinar pactos de “interação económica” com o governo do senhor Xi Jinping para sobreviverem.

Para concluir, esqueçamos por momentos o ocorrido no passado recente no Capitólio (que não deixa de ser grave!) e outras mil e uma questiúnculas diárias. Meditemos no futuro próximo com seriedade, a não ser que queira começar a aprender “mandarim”, a língua oficial chinesa. Nem a Mulher Maravilha nos salvará da zombificação total se não estivermos alerta. Corta!!



Figura 3: Imagem do filme “The Wonder Woman”, 1984.

Fonte: Domínio público.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Jameson, Roger (1991). *Postmodernism or, the cultural logic of late capitalism*. London & New York: Verso.
- Žižek, Slavoj (2018). *Como derrotar Trump e outros ensaios*. Relógio D'Água Editores: Lisboa.
- França, Ana & Lourenço, Ricardo (2021). “A América não está livre de Trump 2.0”. *Expresso*, Lisboa, 8 de janeiro de 2021, 6.
- Tan, Rebecca; Jamison, Peter & Cox, John Woodrow (2021). “Relato de um dia sombrio”. *Público*, 8 de janeiro de 2021, 8.
- Lima, Lioman (2018). “O Plano naval para superar os EUA e controlar o Pacífico até 2030”. *BBC News*, 3 de junho de 2018.
- Wagenheim, Christopher Paul (2010). *From Night to Dawn: The Cultural Criticism of George A. Romero*. University of South Florida (Graduate these).

**Ondina Pires**. Mestre em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É uma artista de performance, escritora, tradutora, música e umas das pioneiras do *punk rock* português. O percurso na música de Ondina está ligado a nomes como *Pop Dell'Arte*, *Ezra Pound* & *A Loucura* ou *Great Lesbian Show*. Ondina foi biografada em 2015 na exposição *Under-Ventures by Ondina* que teve lugar entre 13 a 17 de julho desse ano no Palacete dos Viscondes de Balsemão no Porto e é um dos nomes referidos em *God Save the Queens: Pioneras del Punk* um livro de tributo às mulheres do punk do final dos anos 70, nascidas na Península Ibérica da autoria de Cristina Garrigos, Nuria Triana e Paula Guerra. E-mail: [ondinap@gmail.com](mailto:ondinap@gmail.com). ORCID: 0000-0001-9552-7814.

Receção: 16/12/2020  
Aprovação: 03/05/2021

**Citação:**

Pires, Ondina (2021). Quando a vida imita a arte: Zombificação. *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 4(1), pp. 99-106. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav4n1/rp1